Quando imaginaríamos que teríamos um Superman e um Robin abertamente LGBTQIAPN+?

When would we imagine having a Superman and a Robin openly LGBTQIAPN+*?*

¿Cuándo imaginaríamos que tendríamos a un Superman y a un Robin abiertamente LGBTQIAPN+*?*

Mário Jorge de Paiva[1]

SEDUC-SP

Gustavo Cravo de Azevedo[2]

Universidade Federal do Rio de Janeiro

10.11606/2316-9877.2025.v13.e239832

Resumo

Resenha do livro *SuperGays*: mais de 180 super-heróis fora do armário, de Guilherme Smee, ou Guilherme Sfredo Miorando. O autor é um nome que qualquer pesquisador que estude esse universo de representatividade LGBTQIAPN+ nos quadrinhos já se deparou. Assim sendo, o lançamento de *SuperGays,* Smee (2024), é uma grata surpresa para os estudos de tal campo de investigação. Mesmo existindo limitações do material, o livro se mostra um excelente contato inicial para os que buscam um caminho introdutório no tema. Em certas partes, o texto ganha um caráter mais fragmentário, além de existirem algumas redundâncias e questões que poderiam ser melhor aprofundadas.

Palavras-chave: Super-heróis. LGBTQIAPN+. Guilherme Smee (autor). *Supergays* (título).

Abstract

Review of the book *SuperGays*: mais de 180 super-heróis fora do armário, by Guilherme Smee, or Guilherme Sfredo Miorando. The author is a name that any researcher studying

[1] Doutor e mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professor estadual alocado na Diretoria de Ensino de Santos (SP). Membro da Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura (ABETH). E-mail: mariojpaiva91@gmail.com. ORCIDiD: https://orcid.org/0000-0001-7158-4371.

[2] Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professor do curso de Especialização em Administração Universitária da UFRJ. E-mail: gustavo_cravo@hotmail.com. ORCIDiD: https://orcid.org/0000-0003-2743-3503.

the universe of LGBTQIAPN+ representation in comics has likely come across. As such, the release of *Supergays,* by Smee (2024), is a welcome surprise for studies in this field of inquiry. Despite some limitations in the material, the book serves as an excellent entry point for those seeking an introductory path into the topic. In certain sections, the text takes on a more fragmentary character, and there are some redundancies and issues that could have been explored in greater depth.

Keywords: Superheroes. LGBTQIAPN+. Guilherme Smee (author). *Supergays* (title).

Resumen
Resumen del libro *SuperGays*: mais de 180 super-heróis fora do armário, de Guilherme Smee, o Guilherme Sfredo Miorando. El autor es un nombre con el que cualquier investigador que estudie el universo de la representatividad LGBTQIAPN+ en los cómics ya se ha encontrado. Así, el lanzamiento de *Supergays*, (Smee, 2024), es una grata sorpresa para los estudios en este campo de investigación. Aunque existen algunas limitaciones en el material, el libro representa un excelente punto de partida para quienes buscan una introducción al tema. En ciertas partes, el texto adquiere un carácter más fragmentario, además de presentar algunas redundancias y cuestiones que podrían haberse profundizado mejor.

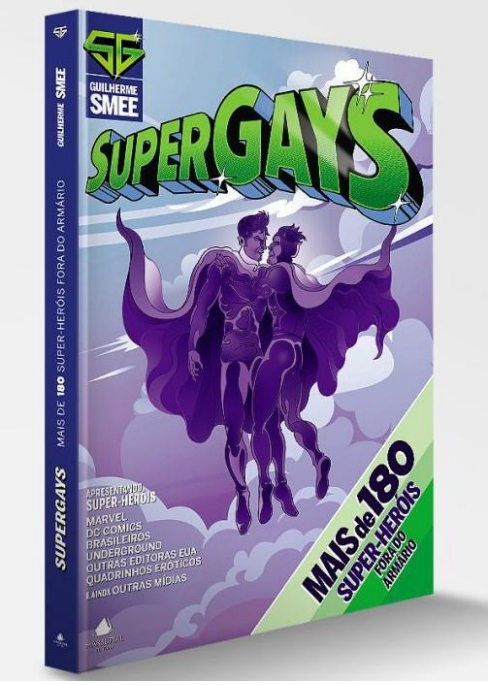
Palabras-clave: Superhéroes. LGBTQIAPN+. Guilherme Smee (autor). *Supergays* (titulo).

Eu tenho o Pequeno Príncipe em mente
Um rei sem uma rainha
Sempre que uma mulher se engana sobre mim
Meu mundo brilhante fica confuso
Homem contra homem!
Rammstein

Guilherme Smee, ou Guilherme Sfredo Miorando, é um nome com que qualquer pesquisador que estude esse universo de representatividade LGBTQIAPN+ nos quadrinhos já se deparou. Assim sendo, o lançamento de *SuperGays* (Smee, 2024 figura 1), é uma grata surpresa para os estudos de tal campo de investigação. Como demostraremos, o livro se mostra um excelente contato inicial para os que buscam um caminho introdutório no tema, mesmo existindo limitações do material; em certas partes o texto ganha um caráter mais fragmentário, além de existirem algumas redundâncias e questões que poderiam ser mais bem aprofundadas.

O trabalho abre com uma introdução de Christian Gonzatti falando sobre a importância da representatividade.

Figura 1: capa do livro *Supergays*: mais de 180 super-heróis fora do armário



Fonte: acervo dos autores

O primeiro texto é um escrito chamado “Introdução: super-heróis não podem ser gays?” e discute alguns elementos clássicos da história dos quadrinhos, falando, por exemplo, do pânico moral contra Batman e Robin nos anos 1950 e como a questão da sexualidade dos heróis pode ser um elemento velado ou tido como tabu (Smee, 2024, p. 11); também destaca que o conceito de *honra* aqui envolve uma performance de sexualidade cishéteronormativa (Smee, 2024, p. 13), mas há pontos de contato entre esse mundo de fantasias dos heróis e o mundo *queer* (Darieck; Fawaz *apud* Smee, 2024).

O primeiro capítulo, “Super-heróis da DC Comics”, apresenta uma lista de alguns dos grandes personagens da editora que “saíram do armário”. Fala de Apolo e Meia-Noite, Extraño, do Flautista, Alan Scott etc., mesmo que, infelizmente, não fale do universo de Constantine, por exemplo.

O segundo capítulo, “Por que Batman e Robin têm fama de gays?”, comenta essa discussão tão ampla e curiosa que foi o pânico moral diante de Batman e Robin nos anos 1950. Aqui, há uma análise sobre o *camp*, o seriado dos anos 1960, a presença feminina nas histórias do Batman, mesmo os filmes do diretor Joel Schumacher, e como a falta de representatividade gay pode ter sido uma brecha para vermos significados menos normativos nessas histórias. Esse é um de nossos capítulos favoritos do livro, sendo que nosso único “porém”,

aqui, seria a falta de uma discussão mais aprofundada sobre o Coringa, sobre como certos autores já o retrataram de forma bem *queer*, como o próprio caso de Grant Morrison.

O terceiro capítulo, “Super-heróis da Marvel Comics”, segue a linha do capítulo anterior e fala dos heróis “fora do armário” na Marvel, indo desde o Capitão América (Aaron Fischer), Hulkling, Wiccano etc. até o Estrela Polar. A personagem Heitor, baseada no visual do cantor Freddie Mercury, parece interessante.

O capítulo 4, “A Marvel dos anos 1990 e a AIDS”, também nos parece um destaque positivo do livro, mostrando como tivemos boas e más representações desse tema delicado no mundo dos quadrinhos.

O capítulo 5, “Super-heróis brasileiros”, aborda essa questão pouco debatida dos super-heróis nacionais; aqui, o autor discute quadrinhos, mas também desenvolve outras mídias, como o Capitão Gay personagem humorístico de Jô Soares, ou a paródia gay do Robin que foi interpretada por Alexandre Frota no programa humorístico *A praça é nossa*, do SBT. O capítulo abre falando do próprio herói criado por Smee e Chris Gonzatti - o Boy Magya -, e igualmente fala de toda uma galeria pouco conhecida, como o Cara-Unicórnio ou Lady Lâmina. Um ponto de destaque aqui é mostrar como certas representações nacionais, porém, são de efeito cômico e estereotipado, como o caso dos Ex-men, dos anos 1990.

Um ponto que o capítulo deveria se aprofundar mais, em nosso entender, é o momento em que há uma crítica ao roteirista e ilustrador, Rafael Grampá pela criação da personagem Gay Lexus. Até que ponto - é nossa questão aqui -, vai uma homenagem ao universo LGBTQIAPN+ e onde, exatamente, começa uma homofobia recreativa? O que torna OK a personagem Kid Princesa ou as Superdrags, mas não tal criação do Grampá? Não há algo *queer* na estética de Grampá? É a questão do lugar de fala? É algum outro elemento excedente pouco detectável? É o exagero mesmo diante de um universo exagerado? Mas, as Superdrags também não eram exageradas? Enfim, aqui achamos que o autor não explica bem seu ponto -, ou que nós não entendemos bem o ponto.

O capítulo 6, “Homofobia recreativa nos super-heróis gays e na mídia brasileira”, desenvolve mais tais representações de gays e lésbicas na mídia nacional; aqui, há uma discussão sobre certas personagens gays populares e

cômicas em algumas novelas; há, também, uma discussão sobre o humor dos *Trapalhões* ou de *Casseta & Planeta* e mesmo um debate sobre os Mamonas Assassinas e seu *hit* "Robocop gay" (Smee, 2024).

O capítulo 7, "Super-heróis de outras editoras dos EUA", continua esse mergulho por uma série de personagens bem pouco conhecidos, mesmo para quem gosta de quadrinhos; o que continua a deixar tal livro bem interessante e instrutivo, para quem pesquisa o tema. Em certo momento fala de *The boys* (2019), mas, em nossa leitura, poderia ter ampliado tal argumento, até levando em conta todo o sucesso recente de tal franquia.

O capítulo 8, "Supergays para além dos quadrinhos", apresenta heróis em outras mídias. Um destaque aqui é a personagem Phastos, do filme *Os eternos* do universo cinematográfico da Marvel (Smee, 2024, p. 107); o autor também comenta sobre o mundo, ainda bem restrito, da representatividade nos videogames. Nesse capítulo acreditamos que o autor poderia ter abordado mais algumas representações midiáticas recentes que ficaram famosas nos últimos anos, como *Hora da Aventura* (2010-2018) e *Star vs the forces of evil* (2019), etc., de relevância para demonstrar como hoje há uma série de personagens infantojuvenis abertamente LGBTQIAPN+.

O capítulo 9, "Super-heróis alternativos", continua essa jornada pelo desconhecido midiático. Alguns destaques aqui são Harry Chess de 1964, uma paródia de agentes secretos tipo 007 – o que abre brecha para uma discussão sobre até que ponto essa personagem pode ser lida como super, que Smee (2024, p. 113) aborda –, e Davlin Waugh, do universo de histórias do Judge Dredd. Há nesse capítulo também um momento para se falar de super-heróis em histórias eróticas e pornográficas, sendo destaque aqui, para Smee, alguns trabalhos de Iceman Blue, um artista que muito trabalha com ilustrações de heróis desproporcionalmente musculosos e pênis gigantescos.

O capítulo 10, "Números relativos aos Supergays dos quadrinhos", aponta alguns números e gráficos que o autor achou e criou em suas pesquisas. Como era de se esperar, 60% das personagens são brancas, 58,1% são norte-americanas, 47,6% são de corpo atlético. Alguns personagens ficaram décadas no "armário", como o caso de Alan Scott e o Homem de Gelo. A década mais expressiva de criação de histórias sobre super-heróis gays foi 2010-2019; já a

década de 1950, foi a que menos criou heróis gays. Os X-Men aparecem como a equipe com o maior número de heróis gays.

O livro fecha, de modo didático, com uma cronologia do que foi apresentado. Os anos 1930 e 40, são marcados por um mercado paralelo de super-heróis gays apenas eróticos; anos 60, surge Harry Chess; 1977, surge Brown Bomber, super-herói gay, adolescente e negro; anos 80, surgem como destaques certas personagens de Alan Moore e a personagem Extraño; anos 90, as personagens Flautista e Estrela Polar abandonam o "armário" e é criado o casal Apolo e Meia-Noite; anos 2000, primeiro beijo gay da Marvel, casamento de Apolo e Meia-Noite etc.; 2010 em diante, casamento de Estrela Polar, é criada a personagem Darkveil (primeira super-heroína *drag queen*), há a polêmica do prefeito Marcelo Crivella na Bienal do Livro do Rio, contra o beijo gay entre Hulkling e Wiccano *and so on*.

Considerações finais: como já dito, o livro em questão é excelente como um contato inicial para quem deseja conhecer o tema das representações gays em quadrinhos de super-heróis; ele possui um fôlego ímpar nesse tema (ainda relegado ao segundo plano historiográfico), sendo o trabalho de alguém que realmente conhece o material. Não é obra perfeita, porém aqui temos que ressaltar seu saldo final, obviamente positivo.

Se pudéssemos fazer algumas sugestões ao Smee, até para uma possível segunda edição, sugeriríamos o uso de certos teóricos que nos pareceram ausentes na obra, como o Waldomiro Vergueiro (Chinen, Ramos, Vergueiro, 2013), o Neil Shyminsky, a Dandara Palankof e Cruz etc., ou mesmo um debate maior sobre certas personagens bissexuais. O livro ficaria ainda mais rico se tivesse abordado Deadpool, Constantine, Robin (Tim Drake), Harley Quinn, e mesmo Jon Kent (Paiva, 2023; 2024). Enfim, quando imaginaríamos que teríamos um Superman e um Robin abertamente LGBTQIAPN+, beijando uns boyzinhos por aí?

Referências

THE BOYS [série de televisão]. Criação de: Eric Kripke, Estados Unidos: Prime Video; Amazon Studios; Sony Pictures Television, 2019. Disponível em: Prime Video. 1 temp.

CHINEN, Nobu; RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro (Org). *Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Criativo, 2013.

HORA da Aventura [desenho animado]. Criação de: Pendleton Ward. Estados Unidos: Cartoon Network, 2010-2018.

PAIVA, Mário Jorge de. Sobre Superman em *Super Pride*: conservadorismo e estética *kitsch* como elementos da representação LGBTI+ em quadrinhos americanos contemporâneos. *Aurora*, v. 16, n. 47, p. 152-170, 2023.

PAIVA, Mário Jorge de. Superman beijando um homem: um acontecimento žižekiano no campo dos quadrinhos? *Revista Periódicus*, v. 3, n. 20, p. 77-90, 2024.

SMEE, Guilherme. *SuperGays*: mais de 180 super-heróis fora do armário. Nova Iguaçu: Marsupial, 2024.

STAR vs the forces of evil. Criação de: Daron Nefcy, Dave Wasson e Jordana Arkin. Washington, D. C.: Disney Television Animation, 2019. 4 temp.

Recebido em: 05.08.2025.

Publicado em: 06.08.2025.

Artigo está licenciado sob forma de uma licença

Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional